

Condescendência: por que o Brasil não apresenta o crescimento econômico que poderia?

GIAMBIAGI, Fabio; SCHWARTSMAN, Alexandre. **Complacência**: entenda por que o Brasil cresce menos do que pode. São Paulo: Campus, 2014.

Thiago de Sousa Barros*

A obra *Complacência: Entenda por que o Brasil cresce menos do que pode*, de Fabio Giambiagi e Alexandre Schwartzman – dois importantes economistas que estudam a realidade econômica nacional há tempos, bastando ver suas respectivas publicações e trajetórias profissional/acadêmica –, lança luz sobre o crescimento econômico brasileiro, pois, apesar de atravessarmos nos últimos anos um período de grandes oportunidades criadas pela janela demográfica, alguns caminhos deveriam ser trilhados para garantir o crescimento (e que talvez não foram, ou não estão sendo, seguidos), tais como: a necessidade de realizar investimentos em educação e infraestrutura, e a inevitabilidade de iniciar uma política de contenção de gastos, ajustando a situação fiscal do País.

O primeiro capítulo, designado Esclerose, conta a história recente do Brasil e as políticas econômicas conduzidas nessas últimas décadas, enfatizando aspectos favoráveis desse período: o *boom* do preço das *commodities* e as benesses desse quadro positivo dos termos de troca (relação entre índice de preço das exportações e das importações) e as baixas taxas de juros no âmbito internacional, que somadas levaram ao chamado “apetite ao risco”, juntamente com a situação cambial que também pendeu a favor após 2002 (a cotação do dólar se mostrou fundamental para a política anti-inflacionária) e a existência de um enorme contingente de desempregados (ou um amplo exército de reserva de Marx, como queiram), no início do governo Lula.

O Capítulo 2 (A narrativa) verte sobre a realidade da distribuição de renda no País e demonstra que as políticas conduzidas nos últimos anos devem ser modificadas, uma vez que os cenários presente e futuro exigem outras soluções, além dessas já empenhadas. Assim, após tecer tais considerações preliminares e de relevo, algumas vezes em tom assaz crítico, os autores voltam-se para o tema central da obra: o crescimento.

Destarte, no Capítulo 3 (A falta que ela nos faz) a verve provocativa é colocada à mostra ainda no início da seção, quando algumas indagações acintes emergem no texto, como, por exemplo, quando suscitam as seguintes questões: “O que faz alguns países serem mais ricos do que outros? Por que nações que no passado eram

* Administrador, Mestre em Contabilidade e Finanças pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Doutorando em Administração na Fundação Getúlio Vargas. Atualmente é Professor Assistente na Universidade Federal de Ouro Preto. Atua como membro da American Finance Association, da Association Française de Finance, da African Finance and Economic Association e do Observatório da Inovação Financeira da Fundação Getúlio Vargas. E-mail: tsousabarros@gmail.com

Artigo recebido em outubro/2016 e aceito para publicação em abril/2017.

relativamente semelhantes entre si passaram a ter destinos tão díspares? [...] Por que os Estados Unidos são mais ricos que o Congo? Por que Brasil e Coreia, tão parecidos de certa maneira na altura dos anos 1970, são hoje exemplos de graus de amadurecimento diferenciados (os coreanos já desenvolvidos e nós bem atrás nesse processo)?". Ante tantas proposições reflexivas, os autores, de forma didática (o que também é uma qualidade expressiva do livro, pois permite que o público geral possa ler a obra, não restringindo esta importante interpretação econômica do Brasil contemporâneo ao meio dos economistas), esmiúçam as contas nacionais, detalham o problema da formação bruta de capital, os desajustes ocorridos e a não existência no País de uma robusta poupança bruta (diferentemente de países como China, Indonésia, Malásia e Tailândia, a título de exemplificação).

Dessa feita, o capítulo a seguir prossegue neste fio condutor teórico (Capítulo 4 - O elefante na sala) e os pesquisadores, parafraseando na introdução deste tópico Max Weber: *"porque todo mundo quer viver à custa do governo, o governo acaba vivendo à custa de todo mundo"*, desvelam a situação fiscal brasileira, o que exprime que o País não se preparou para um crescimento sustentável e perene, uma descrição robusta e detalhada utilizando dados consistentes, uma análise econômica ampla na acepção da expressão.

O Capítulo 5 (Termômetro em terra de cegos) aborda a questão do financiamento externo (desde os tempos de JK até a Era Lula) e os desequilíbrios que causaram *déficits* acumulados, chegando o Governo a mascarar esses números da alçada macroeconômica e ignorar os sinais que a economia já vinha emitindo (o saldo da balança comercial em queda livre, juntamente com o resultado negativo em conta-corrente). Esses números ainda indicam uma afetação direta à competitividade e escancaram um descompasso entre as despesas previdenciárias e o PIB.

No Capítulo 6 (Poucos Bernardinhos), Giambiagi e Schwartzman fazem uma explanação acerca do sistema capitalista (partindo de citações de Schumpeter – *"a destruição criativa é o fato essencial do capitalismo. Capitalismo estabilizado é uma contradição em termos."*) – e chegam à dualidade entre economistas "do lado da oferta" e "do lado da demanda", uma espécie de Eugenio Gudín x Celso Furtado, formalizando as questões intrínsecas da chamada "função de produção" com direito a refinamentos no que tange à função Cobb-Douglas utilizada para esta finalidade. Tudo isto para demonstrar a queda na produtividade por homem ocupado e a falta de consonância entre o que deveria ser feito em termos econômicos e o que realmente foi e tem sido feito. Incentivos mal concedidos e problemas culturais reforçam esta tônica dominante, daí os autores lamentarem a ausência de outros "Bernardinhos" no Brasil (em alusão ao treinador de vôlei da seleção brasileira que aduz, peremptoriamente, que *"se não buscarmos melhorar sempre, apesar do sucesso, estamos fadados à queda"*, preceito esquecido pela maioria deste país).

Avançando nesta vereda, o capítulo posterior (Capítulo 7 - O monumento à ponte) lista a série de erros cometidos e o custo dessas decisões equivocadas, levando ao próximo ponto: a educação (Capítulo 8 - A Finlândia não é aqui). Neste tópico, os

pesquisadores observam o quanto o País falhou, principalmente por pensar somente no curto prazo (seja na esfera municipal, estadual e federal) e relegar a um segundo plano os investimentos em educação, aspecto nevrálgico para o desenvolvimento e crescimento de uma região. *Rankings*, dados, gráficos e resultados de exames internacionais e nacionais são explicitados e corroboram com a análise de que perdemos o *timing* e não aproveitamos as inúmeras oportunidades no processo de educar a população brasileira.

O estudo segue seu fluxo evidenciando a complacência nacional, no tocante à condução econômica, com os problemas latentes e históricos do País. No Capítulo 9 (O grande mito), Giambiagi e Schwartzman demonstram o protecionismo praticado nos últimos anos e as barreiras às importações, através de um passeio à teoria econômica capaz de reforçar a “teimosia” daqueles que conduzem a economia do Brasil na contemporaneidade. No Capítulo 10 (“Pimba”), eles se voltam para a falta de regras dos últimos anos e a escolha, discricionária, de poucos setores da economia para conceder desonerações, o que foi capaz de gerar danos colaterais e novos obstáculos, dado que o intervencionismo em excesso, ao resolver um problema, foi capaz de criar outros novos.

Mais adiante, o livro traz à tona a falta de investimentos em infraestrutura, o que afeta diretamente a competitividade econômica (Capítulo 11 - Milagres não existem); os problemas de ambiente institucional, onde impera a incerteza jurídica (não respeito aos contratos) e regras escusas (Capítulo 12 - A regra (não) é clara); a descoberta de reservas de petróleo e o desconto do futuro, pois resolvemos gastar hoje o amanhã (Capítulo 13 - A grande maldição); e a mudança demográfica (pois agora passamos a envelhecer) e seus impactos na previdência, na educação, no mercado de trabalho e na produtividade, chegando a contemplar na análise o Governo de Dilma Rousseff ainda em curso no País (Capítulo 14 - A tia doida ou “O Japão vai ser aqui”).

Apesar de, em alguns pontos do livro, os professores Giambiagi e Schwartzman adotarem uma tonalidade mais áspera, esta obra é um retrato da situação econômica brasileira. Aliás, o trabalho erigido se mostra como um longa-metragem com perspicaz concatenamento de ideias e ordenamento dos fatos, fatores estes capazes de constituir uma espécie de filme da evolução ocorrida na economia brasileira nos últimos anos e dos reflexos das decisões tomadas (a maioria delas de natureza equivocada) nos indicadores nacionais.

Em suma, seria possível asseverar que surfamos na onda quando a maré estava boa, esquecendo de cuidar do futuro e tomar uma série de decisões (algumas delas impopulares pela ótica política), o que garantiria o crescimento do Brasil de maneira constante e por um período duradouro. É inevitável, pois, como preconiza o dito popular, “a fatura um dia chega”, e agora já começamos a pagar o preço dos diversos erros cometidos. Dessa forma, este livro é um trabalho extenso de reflexão, com amplos dados e subsidiado num vasto arcabouço teórico, entre o que poderíamos ser e não somos, além de direcionar esforços para uma análise de onde queremos chegar, sem deixar de elucidar as ações que devemos colocar em curso para chegar neste estágio almejado.